

PRISCILA FERNANDES

ONDE FICA A GOZOLÂNDIA?

Obras da Coleção de Serralves
e da Coleção da artista

Centro Cultural de Lagos

10.MAI —
05.JUL 2025

SERRALVES FORA DE PORTAS OUT OF DOORS

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Organização Organisation
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

Curadoria Curator
Joana Valsassina

Produção e Assistência Curatorial Production and Curatorial Assistant
Carlos Magalhães

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

Textos Texts
Joana Valsassina, Priscila Fernandes

Coordenação Coordination
Sílvia Sacadura

Edição Copy-editing
Maria João Teles Grilo

Tradução Translation
John Elliott

Créditos fotográficos Photographic credits
© Fundação de Serralves, © Priscila Fernandes

Agradecimentos Acknowledgements
Priscila Fernandes, Maria João Macedo, CIAJG

SERRALVES

PRISCILA FERNANDES

ONDE FICA A GOZOLÂNDIA?

“O trabalho domina as nossas vidas há séculos, hoje mais do que nunca. Tenho procurado formas positivas de resistir ao nosso paradigma atual, formas de posicionar o ato de criar e produzir não como trabalho, mas como resultado de uma cultura de lazer e ociosidade, onde possamos encontrar novas experiências perceptivas e sensoriais.”

‘Work has ruled our lives for centuries, and it does so today more than ever. I’ve been looking at positive ways to resist our current zeitgeist, ways in which to position the act of making and producing not as work, but as a result of a culture of leisure and idleness, where new perceptual and sensorial experiences can be found.’

Priscila Fernandes

The Serralves Collection Touring Exhibitions Programme is absolutely essential for ensuring that the Foundation's Mission is fulfilled in its entirety. Serralves is permanently engaged in building virtuous bridges that connect very different audiences to the most diverse forms of contemporary artistic expression, and it believes that the social, political and economic difficulties generated by the nation's regional inequality must not be allowed to constitute an obstacle to the enjoyment of Contemporary Art and Culture.

In partnership with the programme's more than forty Founding Municipalities, Serralves' intention is to develop new critical hubs all around the country where people can enjoy contact with artworks, artists, curators and researchers, encouraging regional actors to demand and achieve ever more decentralised access to Art.

The Serralves Collection is one of the most relevant collections in Europe and it is imperative that such an invaluable heritage is promoted and made known both in Portugal and abroad. This is a public service of which Serralves is particularly proud, since it is a vital part of the Foundation's aim to become a centre of knowledge and reflection, enabling the formation of strategic partnerships all across the country.

4

Our determination to achieve such aim is clearly demonstrated with the organisation of the exhibition *Where is Cuckoo Land?*, by Priscila Fernandes. The first steps are now being taken in the collaboration between the Foundation and the municipality of Lagos, which was granted founder status in 2024: through the artist's critical gaze, all visitors are invited to reflect on the accelerated pace of daily life, the spoils of unlimited growth and the importance of contemplation and leisure as decisive contributions to social and economic progress. I therefore wish to express a special word of thanks to Priscila Fernandes for her collaboration and lucid perspective on our present time, as well as to the curator Joana Valsassina for selecting the work of this artist, ideal for motivating a reflection of utmost importance to a municipality with the characteristics of Lagos in the area of tourism.

And I should like to add one final word of congratulation to the Mayor of Lagos, Hugo Pereira, and the Councillor Sara Coelho, thanking them for the enthusiasm with which they embraced this proposal and played such an active role in materialising the noble aim of making Art an essential instrument for thinking about the World, opening up multiple avenues for its appreciation and enabling future generations to become ever more creative, resilient and free.

O Programa de Itinerâncias da Coleção de Serralves é absolutamente fundamental para que a Missão da Fundação possa ser cumprida em toda a sua plenitude. Serralves está em permanente construção de pontes virtuosas, que ligam públicos muito diferentes às mais diversas formas de expressão artística contemporânea, e acredita que as dificuldades — sociais, políticas e económicas — geradas pela desigualdade territorial não devem ser obstáculos à fruição da Arte Contemporânea e da Cultura.

É dentro desta matriz programática que Serralves, em parceria com os seus mais de quarenta Municípios Fundadores, projeta sobre todo o território nacional a intenção de estimular novos pontos críticos para o contacto com obras, artistas, curadores e investigadores, mobilizando os atores regionais para concretizar e reivindicar a descentralização no acesso à Arte.

A Coleção de Serralves é uma das mais relevantes coleções da Europa e o valor inestimável deste património torna imperativa a sua divulgação, em Portugal e no estrangeiro. Trata-se de um serviço público do qual Serralves tem particular orgulho e que se inscreve na vontade da Fundação de ser um centro de conhecimento e reflexão, abrindo-se a parcerias estratégicas com grande distribuição territorial.

A realização da exposição *Onde fica a Gozolândia?*, de Priscila Fernandes, expressa essa determinação. A colaboração entre a Fundação e o Município de Lagos, que se tornou fundador em 2024, inicia-se com este convite, dirigido a todos os visitantes: refletir, recorrendo ao olhar crítico da artista, sobre a aceleração quotidiana, os despojos do crescimento ilimitado e o valor da contemplação e do ócio e do lazer, enquanto contribuições determinantes para o progresso social e económico. Deixo, por isso, um especial agradecimento a Priscila Fernandes pela sua colaboração e perspetiva lúcida sobre o nosso tempo, e à curadora Joana Valsassina pela escolha da obra desta artista, tão adequada a motivar uma reflexão que importa de sobremaneira a um concelho com as características de Lagos na área do turismo.

5

Uma palavra final para felicitar o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lagos, Hugo Pereira, e a Senhora Vereadora Sara Coelho, agradecendo o entusiasmo com que receberam esta proposta e participaram, ativamente, na materialização do nobre propósito de fazer da Arte um instrumento indispensável para pensar o Mundo, abrir perspetivas múltiplas e possibilitar gerações cada vez mais criativas, resistentes e livres.

Isabel Pires de Lima
Presidente do Conselho de Administração da Fundação de Serralves
President of the Board of Directors of the Serralves Foundation

Lagos' recent accession to the status of founder of the Serralves Foundation underlines the municipality's commitment to the promotion of culture and contemporary art. For that very reason, the exhibition here of Priscila Fernandes' installation not only represents an important cultural event, but also reaffirms such undertaking through the presentation of the work of a highly-regarded artist, all of which further reinforces our policy of cultural decentralisation and brings artistic creativity closer to its audiences.

It is in this context we are hosting this display of Priscila Fernandes' work, curated by Joana Valsassina. Through it, we are given the chance to revisit the meaning of time and the relationship between work and leisure, creation and contemplation, exploring the way in which we structure our day-to-day life and reconciling the need to produce art with the desire to enjoy it. Between hard work and rest, demands and freedom, we construct cycles that shape our experience of the world and of art itself.

Artistic creation offers us the chance to question these tensions, confronting us with models which challenge our everyday life and reimagine what it means to live and to create. Because, by deflecting our gaze from what we immediately see, it enables us to find new ways of interpreting reality, creating room for doubts and critical thinking. Each work brings with it an invitation to engage in attentive perception, interpreting and questioning the conventions that govern our existence.

In hosting this initiative, Lagos reaffirms its status as a place where art is not only presented, but also thought about, questioned and experienced, promoting the encounter between contemporary creation and the gaze of those who discover it.

A recente integração de Lagos como fundador da Fundação de Serralves sublinha uma mútua aposta na cultura e na arte contemporânea. Por essa razão, acolher a instalação de Priscila Fernandes no concelho não traduz apenas um acontecimento cultural de relevo, mas a expressão desse compromisso, reafirmado através da apresentação da obra de uma artista conceituada, que reforça a descentralização cultural e aproxima a criação artística dos públicos.

É neste contexto que recebemos a exposição de Priscila Fernandes, com curadoria de Joana Valsassina. Através dela, revisitamos o significado de tempo e as relações entre trabalho e lazer, criação e contemplação, explorando o modo como estruturamos o dia-a-dia e conciliamos a necessidade de produzir com o desejo de fruir. Entre esforço e descanso, exigência e liberdade, construímos ciclos que moldam a nossa experiência do mundo e da arte.

A criação artística surge como um espaço de interrogação sobre estas tensões, colocando-nos diante de modelos que desafiam o quotidiano e reimaginam o que significa viver e criar. Tudo isto porque a arte, ao desviar o olhar do imediato, permite encontrar novas formas de ler a realidade, abrindo espaço para a dúvida e para o pensamento crítico. Cada obra transporta consigo um convite à percepção atenta, à interpretação e ao questionamento das convenções que regem a nossa existência.

Ao receber esta iniciativa, Lagos reafirma-se como um lugar onde a arte não só se apresenta, mas também se pensa, se questiona e se vive, promovendo o encontro entre a criação contemporânea e o olhar de quem a descobre.

Sara Coelho
Vereadora da Câmara Municipal de Lagos
Councillor of Lagos



Onde fica a Gozolândia? reúne um conjunto de obras de Priscila Fernandes (Coimbra, 1981) pertencentes à Coleção de Serralves e à Coleção da artista que revelam diferentes aproximações a um dos temas centrais na sua prática: a relação dialética entre trabalho e lazer, ócio e *negócio*.¹ Concebida especificamente para o Centro Cultural de Lagos, a exposição promove uma reflexão em torno de problemáticas que se associam de forma lata ao contexto histórico e atual da cidade, da região e do país.

Com formação base em pintura, Priscila Fernandes tem desenvolvido desde 2006 um trabalho multidisciplinar que integra também vídeo, performance, instalação, fotografia e publicações, partindo de uma investigação aprofundada sobre práticas e utopias que surgem ao longo da História associadas ao trabalho e ao tempo livre, à educação e ao divertimento, à criação artística e à contemplação, à liberdade e ao bem-estar. Se no seu trabalho são recorrentes referências aos períodos clássico, medieval e colonial, é sobretudo sobre a era da industrialização e o advento do modernismo que este incide, traçando paralelos entre movimentos artísticos a partir do final do século XIX e dinâmicas laborais, sociais, pedagógicas e percetivas suas contemporâneas. A sua abordagem cruza a pesquisa histórica, a investigação teórica e a reflexão crítica com uma postura jovial que abraça a livre associação, a especulação criativa, a narratividade e a ficção.

A exposição apresenta obras concebidas durante a última década, desenvolvendo-se em torno de uma grande instalação que ocupa o espaço mais amplo da galeria, e integra

¹ A relação etimológica entre os termos ócio e negócio é explorada na obra de som *De noite todos os gatos são pardos* (2017), apresentada nesta exposição: «“No princípio era o ócio”, explica Jerónimo, “do latim *otium*! Só depois é que aparece a palavra ‘negócio’, *nec otium* — *nec* sendo uma partícula negativa para designar os tempos que não são livres. Ou seja, assumimos que ócio era o tempo livre de negócio, mas foi o negócio que veio ocupar o ócio.”»

também uma peça de som, um conjunto de publicações da artista e uma instalação inédita que dá a conhecer o trabalho de investigação que esteve na origem de vários projetos artísticos de Priscila Fernandes desde 2016.

Onde fica a Gozolândia? tem início ainda antes de entrarmos no espaço expositivo, cá fora no pátio, com a obra sonora ***De noite todos os gatos são pardos*** (2017). Esta conta a história de várias personagens que todas as noites caminham à volta de um misterioso parque. Os relatos do que se passa no seu interior são vários e díspares, sendo descrito como o lugar onde “se encontra a felicidade — a felicidade verdadeira” e onde “não existem preocupações, nem esforço”, onde os peixes “já estão cozidos, assados ou fritos, à escolha de cada um” e onde se poderá encontrar “o fim de uma vida de trabalho e escravidão na cidade”. Mas há também quem julgue avistar através dos arbustos “vultos com exagerado apetite sexual, lassidão tremenda”, “mulheres sem nada que lhes cubra as vergonhas”, uma “nojice pegada”. Se a maioria percorre os limites do parque na esperança de lhe encontrar a entrada, alguns mostram-se horrorizados com o que acontecerá lá dentro e outros parecem interessados sobretudo no que se passa em seu redor, como é o caso de Armindo, burocrata, que se deleita em registrar “rigorosamente os nomes, idades e ambições dos que procuram entrada”, ou José, patife que se faz passar por santo, e que procura apenas “viver às custas dos que por lá circulam”.

O parque que entretém estas personagens alegóricas é inspirado no mito medieval do País da Cocanha, que serviu de mote a várias obras de Priscila Fernandes e constitui uma peça-chave nesta exposição. Se as primeiras descrições do País da Cocanha, que terão surgido no século XIII em França, celebravam o lazer e a ociosidade em contraste com a dureza do trabalho feudal, no século XVI, com o Protestantismo, o imaginário em torno do mito tomou uma conotação crítica,

moralizante e repressora, como ilustra a famosa pintura *Het Luilekkerland (A Cocanha, 1567)*, de Pieter Bruegel, que satiriza a preguiça e a gula enquanto pecados capitais. A artista procura explorar precisamente a tensão entre interpretações contrastantes do mito que ora aproximam o País da Cocanha do paraíso, ora o denunciam como lugar de perdição, revelando como, enquanto projeção utópica, ele reflete os anseios, receios e inquietações de uma comunidade.

Tal como na *Utopia* de Thomas More, ou nas lendas de Atlântida, Shambhala, do Monte Penglai ou do Eldorado, a localização exata do País da Cocanha é alvo de ampla especulação. Se a peça de som nos remete para um anônimo parque de contornos abstratos e impenetráveis, o vídeo **Gozolândia** (2016), elemento central da exposição, leva-nos a descobrir o seu interior. Concebido para a 32.^a Bienal de São Paulo, em 2016, o vídeo foi filmado no famoso Parque Ibirapuera, o maior e mais importante espaço verde da metrópole brasileira, onde se situa o Pavilhão da Bienal, entre outros equipamentos culturais, como o Museu de Arte Moderna (MAM), o Museu Afro Brasil e o Auditório Oscar Niemeyer, — edifícios que, mais do que mero pano de fundo, se juntam ao rol de personagens de *Gozolândia*. A partir deste grande complexo recreativo, a artista desenvolve uma correlação entre a ideia de paraíso terrestre e de parque urbano, pensado enquanto contraponto ao caos da cidade moderna: uma construção humana, um refúgio artificial, que oferece a possibilidade de reconexão com o mundo natural; um lugar de tranquilidade, beleza e bem-estar, dedicado ao descanso, à contemplação e ao recreio — o lugar para o *tempo livre* que resta de uma *vida de trabalho na cidade*.

Gozolândia retrata múltiplas formas de lazer: brincar ao faz de conta, descansar numa cama de rede, namorar, correr, dançar e pular, visitar um museu e a sua biblioteca, exercitar o corpo, praticar yoga e meditação. “Na Gozolândia a gente

só dorme...”, explicam descontraidamente duas crianças que nos contam, logo de início, como é este lugar. Muito diferente é a postura das únicas outras personagens que nos dirigem a palavra: dois homens que praticam musculação enquanto vozeiram, em esforço: “Quero sucesso, quero um carrão.” “Vou ser diretor, vou ser patrão.” As primeiras palavras evocam uma ideia elementar de ociosidade que reconhecemos nos vários relatos do País da Cocanha, seja de quem a celebra ou a desdenha. As últimas, contudo, remetem para um objetivo, físico, material ou profissional, que parece requerer especial disciplina, esforço e determinação. Surpreendida por frases de automotivação semelhantes ao passear pelo Parque Ibirapuera pela primeira vez², a artista incorpora-as no seu trabalho como forma de questionar a lógica de produtividade hoje associada ao lazer e ao bem-estar, nomeadamente à prática desportiva e ao culto do corpo. Fernandes reflete sobre a avaliação que é feita da qualidade do tempo e da autoestima de cada um com base no desempenho e na otimização individual e a sua instrumentalização pelas indústrias do consumo, procurando, na sua prática, formas de repensar o ócio enquanto ato de subversão.

A importância do lazer como forma de resistência é veiculada no vídeo tanto ao longo do périplo pelo Museu Afro Brasil, em que a artista destaca peças históricas que retratam momentos de celebração popular de comunidades nativas e escravizadas, assinalando os contrastes nas representações de ócio e trabalho de opressores e oprimidos; como na visita à biblioteca do Museu de Arte Moderna, em que relaciona obras de arte que reivindicam a liberdade, apelam à luta por direitos civis e laborais e celebram o prazer e a contemplação. Uma famosa pintura de Georges Seurat — figura tutelar do movimento neoimpressionista cujas

² Priscila Fernandes entrevistada por Tanja Baudoin, “Tempo de imaginar”, *Observatório* (São Paulo), n.º 26, 2019, p. 166.

motivações sociais e políticas são geralmente ofuscadas pelos seus aspetos formais associados ao divisionismo, famosa técnica de aplicação da cor em pequenos pontos ou pinceladas — é reencenada nas margens do lago do Parque Ibirapuera, refletindo a visão da artista sobre esta tensão latente: “Nessa pintura, vejo o olhar desapontado do trabalhador finalmente aproveitando [o] seu lazer, descontente com o sentimento de não fazer nada, entediado, olhando fixamente para a água poluída pelas fábricas ao fundo”.³

Curiosamente, para a artista, a vontade de explorar os desdobramentos históricos e as implicações contemporâneas do mito do País da Cocanha ou as tensões entre trabalho e lazer não surge de uma inclinação natural para a ociosidade, mas de uma vontade de desafiar o sentimento de culpa que a impede de simplesmente “não fazer nada”. O seu elogio à ociosidade surge, então, como forma de compreender o enquadramento histórico, social e cultural que sustenta este impulso produtivo e de imaginar caminhos alternativos para a prática e fruição artística.

O catálogo da exposição inaugural do MAM, intitulada *Do figurativismo ao abstracionismo*, que é folheado no vídeo, constitui o ponto de partida para os referidos cruzamentos estabelecidos pela artista entre obras de arte de natureza distinta, e sobretudo para os paralelismos entre a arte abstrata e o ócio que estão na base de uma longa série de trabalhos, relacionando-se, desde logo, com outra componente da instalação, fundamental para a fruição de *Gozolândia*: o conjunto de cadeiras de praia que ocupam o espaço da galeria.⁴ Reunidas sob o título ***Ergonomia do Abstracionismo***

³ Ibid., p. 167.

⁴ O vídeo *Gozolândia* e o conjunto de cadeiras que compõem *Ergonomia do Abstracionismo*, apresentados nesta exposição, integram, juntamente com três impressões fotográficas — *Ahahah O salto*, *Splash* e *Vista em fuga* —, a instalação *Gozolândia e outros futuros*, concebida em 2016 para a 32.ª Bienal de São Paulo e adquirida para a Coleção de Serralves em 2018.

(2016), estas espreguiçadeiras de padrões abstratos convidam-nos a experienciar os ritmos cambiantes de *Gozolândia*, embalados pela sonoridade particular de cada capítulo do vídeo, pelas vistas contemplativas do parque e pela dança hipnótica da artista, que dá corpo à pintura, movendo-se livremente em nosso redor.

É precisamente a partir dos cruzamentos ensaiados por Priscila Fernandes em *Gozolândia* que surge o projeto ***The Waterslide of Abstract Art*** (2016–21), um exercício cronológico assente na associação entre práticas de lazer emergentes e obras de arte abstrata concebidas no mesmo período, desde o início do século xx até à atualidade. A artista interessa-se pelo caráter latente da arte abstrata, resistente à interpretação, que opera num território de potencialidade, estabelecendo formas de contemplação distintas da arte figurativa, seja através de aproximações puramente cerebrais e matemáticas ou profundamente intuitivas e sensoriais.

Partindo de referências como o ensaio *Laziness as the Truth of Mankind* [A Preguiça como Verdade Definitiva do Homem], de Kazimir Malevich, que reivindica a indolência como o único estado verdadeiramente humano, ou *Crê Lazer*, de Hélio Oiticica, que propõe o lazer como forma de resistência e liberdade, a artista reexamina a história da arte abstrata à luz do desenvolvimento da indústria do entretenimento, seguindo uma deriva especulativa com base em relações formais, técnicas ou conceptuais, mais ou menos excêntricas. *The Waterslide of Abstract Art* constrói uma narrativa ficcional onde parques de diversões, motociclos icónicos e desportos radicais se cruzam com esculturas cinéticas, *land art* e pintura gestual, relacionando, por exemplo, a popularização do *bowling* com as formas circulares das pinturas de Robert Delaunay, ou o aparecimento do Cubo de Rubik com os *Incomplete Open Cubes* de Sol Lewitt. Referências a curiosidades da história da arte, como a aptidão de Marcel

Duchamp para o xadrez ou de Mondrian para o yoga, ampliam esta investigação que serviu de mote para obras como *Labor Series* (2018–21), *Never Touch the Ground* (2020) e *Make It Bounce* (2022).

A cronologia que aqui se apresenta, produzida propositadamente para esta exposição, espelha o documento de trabalho que a artista manteve no seu atelier durante vários anos e traduz o seu processo de trabalho — recolector, agregador, caótico, intuitivo. Publicado em 2022 por ocasião da exposição da artista no Sismógrafo, no Porto, o livro de artista homónimo estabelece uma leitura diversa, privilegiando uma relação de um para um, através de uma justaposição cuidada, sem limitar o espaço para a livre associação, para o absurdo e o incongruente.

Além desta publicação, a exposição integra um conjunto de livros de artista e catálogos de exposição disponibilizados para consulta que revelam outras aproximações da artista a esta temática, bem como à relação com a educação e pedagogia, campos centrais no seu trabalho artístico que se associam também à sua prática académica. Em *¿Y el Arte? — The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, publicado em 2014, Priscila Fernandes idealiza como poderia ter sido o programa de educação artística da radical Escola Moderna, criada pelo pedagogo catalão Francesc Ferrer no início do século xx, enquanto o catálogo da exposição *Lesson 0* (2015) apresenta o projeto mais amplo que esteve na origem desta publicação.

Juntamente com o catálogo da recente exposição da artista realizada no CIAGJ, em Guimarães, intitulada *Escola de Lazer* (2022), são apresentados dois livros de artista, *Idleness' Owl* (2022) e *Rusted Armour, Skin of Dreams* (2023), que expandem o potencial narrativo da prática da artista. Concebidos em parceria com Terje Øverås, ambos se servem do simbolismo de determinados animais para subverter esses mesmos

sistemas de valor. O primeiro conta a história de uma coruja, símbolo de sabedoria, que vive no Museu Boijmans e devora violentamente várias obras de arte da coleção do Museu, criticando a insaciedade e hiperprodutividade da sociedade atual. O segundo descreve o percurso de duas estátuas equestres, emblema de poder militar, que descem dos seus pedestais e abandonam os seus ilustres cavaleiros para seguir o seu próprio rumo, questionando a glorificação de figuras de autoridade num período de violência crescente.

Aos olhos de hoje, a partir de Lagos e de Portugal, os temas abordados por Priscila Fernandes nas obras aqui reunidas levantam uma série de questões sobre o nosso passado e presente, desafiando-nos a imaginar novos futuros. Embrenhada na dialética entre trabalho e lazer, encontramos uma linha de questionamento crítico face ao passado colonial e à escravatura, à precariedade e ao domínio da produtividade sobre o tempo livre, à indústria do lazer e, por extensão, a uma economia baseada no turismo, onde quem para ela contribui raramente tem como usufruir do que ele oferece. Quanto ao futuro, a artista interroga:

Será que podemos pensar em formas diferentes de atuar que não se baseiem essencialmente na produtividade? Sinto que há algo extremamente estimulante e libertador em imaginar um futuro em que atividades como o jogo e o lazer nos permitem repensar o trabalho com base no afeto e amor. Talvez eu consiga lá chegar, talvez com um pouco mais de autoaperfeiçoamento e autodisciplina.⁵

Joana Valsassina

⁵ Priscila Fernandes entrevistada por Sjoerd Westbroek, *Dolf Henkes Prijs 2019*, Roterdão: Tent, 2019, n.p.

De noite todos os gatos são pardos

Uma *audio play* de Priscila Fernandes

Todas as noites, uma multidão de gente caminha, marcha ou vagueia à volta do parque. As pessoas seguem apenas pelos caminhos que traçam os limites do parque, acentuando continuamente o seu desenho e evidenciando os arbustos e árvores que o demarcam, seguindo apenas pelo piso firme entre a cidade e o parque.

É gente de todos os tipos e feitios, assim o sabe Armindo, que todas as noites toma nota das gentes que por lá passam. Monta o seu escritório na entrada norte, vai sempre vestido a rigor, de fato e gravata, asseadinho, e cabelo penteado a pente fino. Traz uma mesa e um banquinho, uma série de papelada, uma canetinha e um carimbo.

Embora muito tenha ouvido dizer que é dentro do parque que se encontra a felicidade — a felicidade verdadeira —, Armindo nunca sentiu vontade de lá entrar. Toda a vida foi funcionário público e está mais que conformado com a rígida rotina burocrática. O seu êxtase encontra-se ali mesmo, na entrada do parque. Nos inventários que faz sobre a gente que por lá passa, Armindo é eficiente, não perde tempo com distrações e mexericos. Regista rigorosamente os nomes, idades e ambições dos que procuram entrada. É graças à minuciosa investigação de Armindo que chegam até nós relatos das gentes que circulam à volta do parque, gente de verdade, gente com corpos inteiros, corpos em si mesmos, corpos que se mantêm inteiros.

*

Jerónimo, ávido amante da filosofia e da etimologia, já há mais de quatro anos que percorre o circuito à volta do parque. Todas as noites faz o mesmo caminho, segue meticolosamente o caminho que o circunscribe, mas sem nunca

ter a sorte de lhe encontrar a entrada. No entanto, a sua ambição não esmorece. Pelo contrário, ganha força sempre que relê os textos antigos, onde está escrito que não há sob o céu parque tão pacífico, risonho e atraente, nele não existem nem preocupações, nem esforço, nem trabalho. Ora, para Jerónimo, adaptar-se a tal ambiente não seria um problema, pois preguiça e recusa à produtividade são a seus olhos uma qualidade.

“No princípio era o ócio”, explica Jerónimo, “do latim *otium*! Só depois aparece a palavra ‘negócio’, *nec otium — nec* sendo uma partícula negativa para designar os tempos que não são livres. Ou seja, assumimos que ócio era o tempo livre de negócio, mas foi o negócio que veio ocupar o ócio. Basta olhar para os romanos para perceber isso: acordavam às horas que lhes apetecia, iam para as termas, onde ficavam até ao final do dia, exercitando o corpo, desfrutando das saunas e espreguiçando longas horas à borda da piscina. Era ali que se dedicavam à política e aos negócios. Um empresário de hoje diria, sem sombra de dúvidas, que o Império Romano estava condenado ao fracasso”, termina Jerónimo.

Na verdade, o Império fracassou mesmo. Para não falar de que o ócio era às custas da escravidão de outros. Detalhezinhos que o Jerónimo dispensa da sua filosofia:

“Ora é exatamente graças a esse ócio”, continua, “que se cultivaram as artes! Que se descobriu a ciência! Que se inventaram a filosofia e as ciências sociais! Já dizia o poeta:

*Suave preguiça, que do mau querer
e de tolices mil ao abrigo nos põe...
Por causa tua, quantas más ações
deixei de cometer.”*

*

Mas preguiça prazerosa é por muitos detestada. A Doutora Clara passa noites inteiras nos limites do parque, inquietando-se sempre com o que vê e não vê por detrás dos arbustos que o delimitam. Acha que ideias como as do Jerónimo são perigosíssimas para a juventude de hoje. Prova disso é o que a Doutora Clara julga ver por detrás dos arbustos, vultos com exagerado apetite sexual, lassidão tremenda, fadiga e enfraquecimento. Vê isso como consequência da falta de ocupação daquelas gentes de laia preguiçosa.

“Se conseguir entrar no parque”, pensa ela em voz alta, “sempre poderia passar algumas prescrições... Começava por prescrever aos rapazes uns espartilhos antimasturbatórios. E às moças, prescreveria livros e filmes instrutivos, assim como a proibição de fazer equitação, dar passeios solitários e ler romances. E prescreveria cintos da castidade, claro está.”

*

Sabemos, graças aos inventários de Armindo, que há pessoas de todo o tipo e feitio com esperanças de entrar no parque. Há também os que por lá vagueiam famintos, e, como se sabe, a fome é o melhor tempero, pois deles existe o seguinte relato:

“No parque os peixes que se encontram no lago já estão cozidos, assados ou fritos, à escolha de cada um! E também andam por lá uns porcos já assados, com uma faca nas costas, para quem sentir vontade de comer poder facilmente cortar um pedaço. E os frangos que andam de um lado para o outro a esgravatar já estão assados, regados de molho e gritam: ‘Frangos quentes, bem quentes!’”

Armindo tem vindo a notar que de há uns anos para cá tem crescido o número de indivíduos a queixar-se, numa ladainha constante, de que o parque tem apenas dado entrada aos irresponsáveis e vagabundos, aos que abandonaram por

completo as virtudes e a probidade. Dizem que agora o parque está tão conspurcado que até dá dinheiro a quem peida. Diz-se até que quem arrota três vezes e peida forte faz fortuna. Maria de Jesus é uma das queixosas, afirma que o parque já não é o que era, que agora é uma porca miséria, uma nojice pegada. Que para o parque e seus parasitas não há desgraça maior que ser direito, honesto, bem comportado e trabalhador.

*

A entrada no parque é até muito fácil de encontrar, mas por razões que desconhecemos poucos são os que com ela dão — é um daqueles mistérios... E os que a encontram ganham comportamentos muito estranhos. É o que acontece especialmente na entrada sul do parque, aí anda sempre uma grande multidão, todos colados uns aos outros. São corpos inteiros, corpos em si mesmos, corpos que se mantêm inteiros. Marcham, marcham, mas não vão a lado nenhum. Com uma exceção, de quando se ouve o primeiro canto de uma coruja, aí o grupo avança então um pouquinho. Um passo por noite, de resto marcham, marcham, mas não saem dos caminhos que marcam os limites. Não se sabe o porquê de tal fenómeno. Nos trajes dos que marcham já são visíveis os vestígios, sapatos furados, camisolas feitas com água das chuvas... Nas mãos levam focos de luz.

*

*Knock knock!
Who's there?
Olive!
Olive who?
I love you!*

Esta é a Cleo, não há muito que dizer. Somente que é uma rapariga decente. Sonha em entrar no parque como toda a gente. Sabe que o caminho não tem de ser tão árduo quanto se diz. O importante é ser sempre uma pessoa positiva e otimista, e tudo o resto vem por acréscimo. E se se conseguir

juntar uma pitada de humor, melhor! Sempre ajuda a passar o tempo. Ela nisso tem sabedoria, pois um parque que se diz tão *easy-going* não poderá ter uma entrada tão difícil, é lógico.

Enquanto circula à volta do parque, entretém-se a cantarolar, a contemplar a vista, e quando para aí virada, completa a diversão fazendo umas sátiras baseadas nos transeuntes que circundam o parque.

Eis algumas:

*Certa vez, no tempo dos tolos, vi um homem perneto
correr mais que um cavalo veloz.*

*Vi então um machado vagabundo
cortar em dois uma árvore.*

*Vi então a árvore caída
a levantar-se de novo.*

*Vi então um arado arar
sem cavalo e sem vaca.*

*Ouvi então peixes fazerem tanto barulho
que atingia o céu.*

*Vi então duas gralhas
ceifar uma colina.*

*Vi então dois mosquitos
fazer uma ponte.*

*Vi então um rato
construir um muro gigante.*

*Vi então um cavalo ruim levantar-se
e dizer verdades sem coerência.*

*Vi então duas cabras
acender um forno.*

Ouvi então uma galinha falar:

Foi proclamado.

*Um peido estrondoso
foi proclamado!*

*

Um bom estudioso destes versos poderá concluir que cada um representa uma das muitas personagens à volta do parque. Em especial os últimos versos, aqueles referentes à ventosidade anal fétida, pois por lá anda a circular um palerma todas as noites, que se peida a cada salto que dá. É Américo, um tipo oportunista e manhoso, que se proclama já como o primeiro homem a entrar no parque, ainda que este nunca lhe tenha conhecido entrada. É esperto ele por proclamar tais coisas, vai criando uma certa insegurança nos que passam por ele. Mas Américo é também meio louco, imagine-se que o homem parece que fica inebriado pelos cacos de vidro que vai encontrando pelo chão enquanto percorre o circuito exterior do parque. Talvez seja o reflexo da Lua, ou estupidez de Américo, o que o faz ficar assim petrificado a olhar para os cacos.

“Com jeitinho, bem polidos”, pensa ele, “até podiam fazer de diamantes”.

Talvez seja igualmente por causa da Lua que Américo também veja uma coleção de parafernália exótica, aves raras a voar pelo parque, mulheres sem nada que lhes cubra as vergonhas, especiarias e sedas coloridas, montes de dinheiro a cair do céu. Vê coisas mirabolantes, e quebra em gritaria:

“Minha querida, o teu amante chegou finalmente!”

E com isso, rompe todas as suas roupas e corre nu como um estúpido, mijando como um cão em todas as árvores e arbustos que circunscrevem o parque.

*

Francisco vem de muito longe, e pouca sorte teve desde pequeno, nunca aprendeu a ler ou a escrever. Daí que todas as riquezas que se crê que o parque tenha lhe foram sempre contadas. É claro que quem conta um conto sempre

acrescenta um ponto, e isso Francisco sabe-o bem, experiência da vida. Mas o essencial estava lá. O parque simbolizava a sua liberdade e o fim de uma vida de trabalho e escravidão na cidade. Francisco circulava à volta do parque todas as noites, na esperança de conseguir entrar. Mas o seu cansaço do dia era tão grande, que acabava sempre por cair de sono no pavimento frio que delimita o parque. E todas as noites, o mesmo pesadelo obscurecia a sua esperança.

“Sonho constantemente que para entrar no parque tenho de devastar as árvores que me aparecem pelo caminho. Pego então no meu machado e ando, ando, ando até encontrar um local cerrado por um grande número de árvores — entre elas há uma que é tão grande como nunca tinha visto na minha vida. Decido que é essa mesmo que eu devo cortar. Embora a madeira seja muito rija, consigo cortá-la. Mas no momento em que a árvore cai, volta de imediato a erguer-se e o tronco une-se novamente na sua raiz. Fico sempre realmente impressionado com esta maravilha. E decido tentar novamente. Quando finalmente consigo cortar a árvore, a história repete-se. A árvore ergue-se novamente. Naquele momento começo a ficar aterrorizado e em pânico, e então começo a dar machadadas que nem um louco. Mesmo quando os meus braços já ardem de dor, as minhas mãos estão todas calejadas e pingo de suor, não importa o que eu faça... Todas as vezes que a árvore cai, logo logo se ergue à minha frente. E enquanto isto, eu ouço risos à distância. Sempre que acordo desse sonho, sinto-me muito triste... Talvez seja uma forma de me avisarem uma última vez da inutilidade do que estou prestes a fazer. E neste impasse amanhece o dia, e tenho forçosamente de regressar à cidade”, termina assim Francisco o seu relato.

*

Pelo que parece José nunca teve vontade ou curiosidade de entrar no parque. O que lhe interessava era viver às custas dos que por lá circulavam. Não interessava como, seja por roubo, extirpação ou mentiras, lá nas suas variações de patife era José desde criança muito afortunado. Essas gatunagens eram vistas por ele como atos de bondade, pois via que essa gente que andava à volta do parque pecava com todas as suas ostentações mundanas. Eram os iPhones de última geração, eram as roupas do último grito da moda, e por aí em diante.

José fazia questão de libertar qualquer um dos pecados capitais, e considerava aqueles seus atos atos de caridade, e chamava-se a si mesmo de santo. Ganhava a vida com essas beneficências, com tamanha piedade e dedicação, que lá nisto era santo.

Certa vez encontrou Maria de Jesus, de quem já falámos, uma beata, vestida de preto e com véu, como dita a tradição. Tal era a sua castidade e virtuosismo, que a única coisa que lhe ficava mal naquele arranjo era o tercinho que levava nas mãos. Ora José, que sempre foi muito atento à disciplina de geologia, identificou de imediato que aquele tercinho que a senhora tão humilde carregava era feito de uns cristaizinhos de esmeralda, jacinto e diamante.

José, que se autointitulava de santo, julgou ali, logo, de imediato, que tal ostentação de riquezas num terço só não caía bem a uma senhora tão humilde. De forma a limpá-la de tal pecado, incutiu em si mesmo a santa missão de a convencer a doar tal tercinho para a sua contínua obra de caridade. Se não era ele um santo...

“Minha querida senhora, como me alegro por ver pessoa tão beata e humilde às portas do parque. Como estou feliz pela sua companhia, pois esta obra — esta missão — que

me foi designada pelo apóstolo de Roma, em Roma, é muito solitária e árdua. Escute minha amiga, porque eu já lá estive dentro do parque e Deus me deu a sabedoria para lhe contar o que por trás destes portões existe. Ouça as minhas palavras pois vou-lhe contar como são os que nele se passeiam, e verá o quão importantes serão as nossas orações e todas as caridades que podemos oferecer a esta obra.

Posso-lhe dizer que lá no centro do parque, onde fica o lago, existe uma bela abadia cheia de monges altos, jovens e vivos. Mas não se deixe enganar senhora de grande caridade, pois todo o santo dia, os jovens monges, depois de comerem e beberem à vontade, pois não veem nisso nenhum pecado, vão brincar pelo parque. Não existe ave tão rápida que voe melhor que estes monges de espírito nobre, graças às mangas e ao capuz dos seus hábitos.

Quando o abade os vê voar, sente grande satisfação! Mas no meio desses exercícios, ele chama-os para a prece das vésperas. Quando os monges não descem e se põem a voar ainda mais alto, o abade pega uma moça, vira as suas brancas nádegas para cima e bate nelas como num tambor para os monges retornarem. Quando eles percebem, fazem um voo rasante, na direção da moça, beliscando as suas nádegas. Só depois desses exercícios é que entram no mosteiro sedentos e vão direitos ao refeitório.

Existe também uma outra abadia por lá perto, mas de monjas, Deus queira que você nunca se tenha de desonrar com a presença dessa gente. Quando têm calor, as jovens monjas pegam num barquinho e dirigem-se ao lago. Divertem-se com o remo e o leme até ficarem longe da berma, e aí despem-se para brincar, entram na água e nadam suavemente. Os jovens monges, ao verem isso, excitados, levantam-se, alçam voo e logo chegam perto delas e lhes ensinam uma oração — perdoe-me a linguagem minha senhora. Com grandes

gesticulações, com pernas para cima e para baixo, o monge que melhor souber manejar o capuz terá sem dificuldades mais atenção nas suas preces.

Minha querida senhora, a minha missão é a de guardar qualquer entrada por este portão, para que ninguém se conspurque com tais vícios. No que diz respeito aos que já se encontram do lado de lá, só nos resta pedir a Deus que renove o espírito de tais pecadores. Qualquer benesse que a senhora possa deixar comigo, desde que dada com honestidade e caridade, será bem aceite por mim, um pobre santo a quem teve a sorte de cumprir penitência tão honrada.”

E dizendo isto, este patife e gatuno, de sobrancelhas exageradamente piedosas, estende o braço para o tercinho.

“Meu santo homem, agradeço-vos por tamanha caridade de me proteger contra o pecado que por ali existe. Que este terço lhe sirva para muitas orações.”

Ao que José responde:

“Amén, em nome da Santa Caridade.”

*

Como nos contou Armindo, são pessoas de todo o tipo e feitio que caminham pelos limites exteriores do parque. Dos que lá entraram, e saíram para relatar, sobrevivem até nós apenas estas rimas:

Dentro do parque, sorrisos ternos e bocas incandescentes, por detrás dos arbustos se levantam.

Sorrisos ternos e bocas incandescentes, por detrás dos arbustos se levantam.

São sorrisos inteiros, sorrisos em si mesmos, sorrisos que se mantêm inteiros.



Gozolândia, 2016
 Vídeo, 16:9, cor, som, 17'35"
 Ed. 1/3 + 2 P.A.
 Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
 Porto. Aquisição em 2018



The Waterside of Abstract Art, 2016-22
 Impressão sobre papel
 2,2 × 19,8 m
 Design Macedo & Cannatà
 Cortesia da artista

30



Ergonomia do abstracionismo, 2016
 7 cadeiras
 Ed. 1/3 + 2 P.A.
 Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
 Porto. Aquisição em 2018

31



De noite todos os gatos são pardos, 2017
 Som, 21'59"
 Voz de Laura Lopez (PT) / Loveday Smith (EN)
 Gravado no Silent M Studio, Roterdão
 Com o apoio de CBK Roterdão, Solar Galeria de Arte Cinemática e
 Mondriaan Fonds
 Cortesia da artista

Publicações
Publications



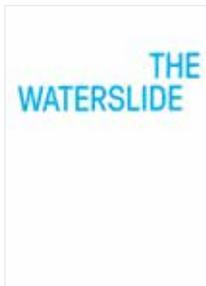
1.



2.



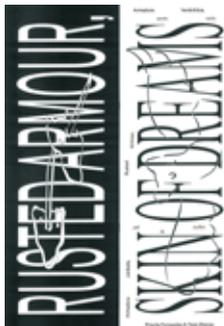
3.



4.



5.



6.

1. ¿Y el Arte?—The Book of Aesthetic Education of the Modern School,
2014

Berlim: Kunstlerhaus Betanken GmbH and Priscila Fernandes
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

2. Lesson 0, 2015

Barcelona/Berlim: Fundació Joan Miró Barcelona em colaboração com o Archive Books Berlín
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

3. Idleness' Owl, 2021

Priscila Fernandes com Terje Øverås
Roterdão: Museum Boijmans Van Beuningen
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

4. The Waterslide of Abstract Art, 2022

Porto: Sismógrafo
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

5. Escola de Lazer, 2022

Guimarães: CIAJG
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

6. Rusted Armour, Skin of Dreams, 2023

Priscila Fernandes e Terje Øverås
Donostia/San Sebastián: Tabakalera — Centro Internacional de Cultura Contemporânea
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

Where is Cuckoo Land? brings together a group of works by Priscila Fernandes (Coimbra, Portugal, 1981) belonging to the Serralves Collection and the artist's own collection, which reveal different approaches to one of the central themes in her practice: the dialectical relationship between work and leisure, between *otium* and *negotium*.¹ Conceived specifically for the Lagos Cultural Centre, the exhibition promotes a reflection about issues that are largely related with the current and historical context of the city, region and country.

With a background in painting, Priscila Fernandes has been developing a multidisciplinary work since 2006 that also includes video, performance, installation, photography and publications, stemming from in-depth research into the practices and utopias that have appeared over the course of history associated with work and free time, education and entertainment, artistic creation and contemplation, freedom and well-being. While we can frequently find references to the classical, mediaeval and colonial periods, her work is concerned, above all, with the industrial era and the advent of modernism, drawing parallels between artistic movements from the end of the nineteenth century and their contemporary labour, social, pedagogical and perceptive dynamics. Her approach combines historical research, theoretical investigation and critical reflection with a playful attitude that embraces free association, creative speculation, storytelling and fiction.

The exhibition presents works that were conceived during the last decade and is developed around a large installation that occupies the gallery's widest area; and includes also a

¹ The etymological relationship between the terms *otium* and *negotium* is explored in the sound piece *De noite todos os gatos são pardos* (2017), presented at this exhibition: "In the beginning was *ócio* [idleness]", Jerome explains, "from the Latin *otium*! Only after that does the word *negócio* [business] come into play, *nec otium*—*nec* being negative and indicating time with no leisure. In other words, we assume that idleness was time for leisure, but it was business that came to take the place of idleness."

sound piece, a selection of the artist's publications and a new installation showcasing the research work that has informed several of her projects since 2016.

Where is Cuckoo Land? begins just before we enter the exhibition space, outside in the patio, with the sound piece ***De noite todos os gatos são pardos*** [In Darkness All Cats Are Grey] (2017), which tells the story of several characters who spend every night walking around a mysterious park. The accounts of what goes on inside are varied and disparate: it is described as the place where 'one finds happiness—true happiness' and where 'there are no concerns, no effort', where the fish 'are already roasted, boiled or fried, to suit your taste' and where we can find 'the end of a life of work and slavery in the city'. But there are also some who think that, amid the bushes, they can glimpse 'orgies of bodies with ravenous sexual appetites, tremendous indifference', 'naked women' running around, 'an utter disgrace'. While most of these figures walk around the edges of the park in the hope of finding its entrance, some appear to be horrified by what might happen inside and others seem to be interested, above all, in what is going on around them, as is the case with Augustus, a bureaucrat, who delights in recording rigorously 'the names, ages and the ambitions of those who are looking for a way in', or Joey, a rogue who passes himself off as a saint and who is only seeking to live 'off those who wandered around it'.

The park that entertains these allegorical characters is inspired by the mediaeval myth of the Land of Cockaigne, which has served as starting point for several works by Priscila Fernandes and constitutes a key piece in this exhibition. While the first descriptions of the Land of Cockaigne, which appeared in France in the thirteenth century, celebrated leisure and idleness in contrast to the harsh reality of feudal work, in the sixteenth century, with the development of Protestantism, the imaginary around the myth took on a critical, moralising

and repressive connotation, as illustrated by the famous painting *Het Luilekkerland* (*The Land of Cockaigne*, 1567), by Pieter Bruegel, which satirises sloth and gluttony as deadly sins. The artist seeks to explore this very tension between contrasting interpretations of the myth which either equate the Land of Cockaigne to Paradise, or denounce it as a place of perdition, revealing how, as a utopian projection, it reflects the anxieties, fears and concerns of a community.

Just as in Thomas More's *Utopia*, or in the legends of Atlantis, Shambhala, Mount Penglai or Eldorado, the exact location of the Land of Cockaigne is the subject of much speculation. While the sound piece points to an anonymous park, with abstract and impenetrable limits, the video *Gozolândia* [Cuckoo Land] (2016), which is the centrepiece of the exhibition, leads us to discover what lies inside. Conceived for the 32nd Biennale of São Paulo, in 2016, the video was shot in the famous Ibirapuera Park, the largest and most important green space in this Brazilian metropolis, which houses the Biennale Pavilion, together with other cultural facilities, such as the Modern Art Museum (MAM), the Afro Brazil Museum and the Oscar Niemeyer Auditorium. More than being just mere background scenery, these buildings form part of the cast of *Cuckoo Land*. From this large recreational complex, the artist develops a correlation between the idea of an earthly paradise and an urban park, conceived as a counterpoint to the chaos of the modern city: a human construction, an artificial refuge that offers the possibility of reconnecting with the natural world; a place of peace and tranquillity, beauty and well-being, dedicated to rest and relaxation, to contemplation and recreation—the place for the *free time* that remains from a *life of work in the city*.

Cuckoo Land portrays multiple forms of leisure: playing make-believe, relaxing in a hammock, flirting, running, dancing and jumping, visiting a museum and its library, working out, practising yoga and meditating. 'In Cuckoo Land, all we

do is sleep...', explain two children who tell us, right from the start, what this place is like. A very different view is provided by the only other characters who address us directly: two men engaged in bodybuilding exercises who utter in effort: 'I want success, I want a big car.' 'I'm going to be a manager; I'm going to be the boss.' The first words evoke an elementary idea of idleness recognisable in the various reports of the Land of Cockaigne, whether they are provided by someone who is praising it or someone who is critical of it. The last words, however, refer to physical, material or professional goals, which seems to require special discipline, hard work and determination. Surprised by similar phrases of self-motivation while walking through Ibirapuera Park for the first time², the artist incorporated these words into her work as a way of questioning the logic of productivity that today is associated with leisure and well-being, particularly sports and bodybuilding. Fernandes reflects on the assessment that is made of each person's time and self-esteem based on individual performance and how this is instrumentalised by consumer industries, looking to find, in her practice, ways to rethink idleness as an act of subversion.

The importance of leisure as a form of resistance is conveyed in the video both in the course of the visit through the Afro Brazil Museum, in which the artist highlights historical pieces that portray moments of celebration by native and enslaved communities, pointing out the contrasts in the representations of leisure and work of the oppressors and the oppressed; as well as in the trip to the library of the Modern Art Museum, where she relates artworks that invoke freedom and the struggle for civil and labour rights with pieces that celebrate pleasure and contemplation. A famous painting by Georges Seurat — the guiding figure of the neo-impressionist movement whose social and political motivations are generally overshadowed by

² Priscila Fernandes interviewed by Tanja Baudoin, 'Tempo de imaginar', *Observatório* (São Paulo), no. 26, 2019, p. 166.

its formal aspects associated with divisionism, a technique of applying colour in the form of small dots or brushstrokes — is restaged on the edge of the lake of Ibirapuera Park, reflecting the artist's perspective of this latent tension: 'In this painting, I see the disappointed look of the worker who is finally taking advantage of their leisure time, discontent with the feeling of not doing anything, bored, staring at the water polluted by the factories in the background.'³

Curiously, for the artist, her will to explore the historical developments and contemporary implications of the myth of the Land of Cockaigne and the tensions between work and leisure does not arise from a natural inclination towards idleness, but from a desire to challenge the feeling of guilt that prevents her from simply 'not doing anything'. Her praise of idleness therefore comes about as a way of understanding the historical, social and cultural framework that sustains this productive impulse, and of imagining alternative paths for the practice and enjoyment of art.

The catalogue of the inaugural exhibition at the MAM, entitled *Do figurativismo ao abstracionismo [From Figurativism to Abstractionism]*, shown in the video, constitutes the starting point for the aforesaid comparisons established by the artist between works of art of a different nature, and, above all, for the parallels drawn between abstract art and leisure which underlie a long series of works, including another component of the installation that is crucial for the fruition of *Cuckoo Land*: the set of beach chairs placed across the gallery space.⁴ Titled

³ Ibid., p. 167.

⁴ The video *Gozolândia* and the set of chairs that compose the work *Ergonomia do abstracionismo*, presented at this exhibition, form part of the installation *Gozolândia e outros futuros [Cuckoo Land and Other Futures]*, conceived for the 32nd Biennale of São Paulo in 2016 and acquired for the Serralves Collection in 2018, together with three photographic prints—*Ahahah O salto [Hahaha The Jump]*, *Splash* and *Vista em fuga [View on the run]*.

Ergonomia do abstracionismo [Ergonomy of Abstractionism], these abstract-patterned sun loungers invite us to experience the changing rhythms of *Cuckoo Land*, lulled by the particular sound of each chapter of the video, the contemplative views of the park and the artist's hypnotic dance, embodying the painting, as she moves freely around us.

It is precisely through the crossovers explored by Priscila Fernandes in *Cuckoo Land* that the project ***The Waterslide of Abstract Art*** (2016–21) comes into being: a chronological exercise based on the association between emerging leisure practices and abstract works of art conceived in the same period, from the early twentieth century until the present day. The artist is interested in the latent character of abstract art, which is resistant to interpretation and operates within a territory of potentiality, establishing forms of contemplation that are different from those of figurative art, whether through purely cerebral and mathematical approaches or profoundly intuitive and sensory ones.

Drawing on references such as Kazimir Malevich's essay *Laziness as the Truth of Mankind*, which claims that idleness is the only truly human state, or Hélio Oiticica's *Crê Lazer* [Creative Leisure], which proposes leisure as a form of resistance and freedom, Fernandes re-examines the history of abstract art in light of the development of the entertainment industry, following a speculative drift based on somewhat eccentric formal, technical or conceptual relations. *The Waterslide of Abstract Art* constructs a fictional narrative in which amusement parks, iconic motorbikes and radical sports are intermixed with kinetic sculptures, land art and gestural painting, relating, for example, the popularisation of bowling with the circular forms of Robert Delaunay's paintings, or the appearance of the Rubik's Cube with Sol Lewitt's *Incomplete Open Cubes*. References to curiosities from the history of art, such as Marcel Duchamp's skills as a chess player or Mondrian's fondness for yoga, further enhance this research,

which served as the theme for works such as *Labor Series* (2018–21), *Never Touch the Ground* (2020) and *Make It Bounce* (2022).

The chronology presented here, which was specially conceived for this exhibition, mirrors the working document that the artist kept in her studio for several years and which translates her working process—cumulative, dialectic, chaotic, intuitive. Published in 2022 on the occasion of the artist's exhibition at Sismógrafo, in Porto, the artist's book with the same name establishes a different reading, favouring a one-to-one relationship, through careful juxtapositions, without limiting the space for free association, for the absurd and the incongruent.

In addition to this publication, the exhibition includes a set of artist's books and exhibition catalogues made available for consultation, which reveal Fernandes' varying approaches to this theme, as well as her relationship with education and pedagogy, central themes in her artistic work that are also associated with her academic practice. In *¿Y el Arte?—The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, published in 2014, she imagines what could have been the art education program of the radical Modern School, created by the Catalan pedagogue Francesc Ferrer at the beginning of the twentieth century, while the exhibition catalogue *Lesson 0* (2015) presents the broader project that led to this publication.

Together with the catalogue of the artist's recent exhibition held at the CIAGJ, in Guimarães, entitled *Escola de Lazer* [Leisure School] (2022), two artist's books are shown here: *Idleness' Owl* (2022) and *Rusted Armour, Skin of Dreams* (2023), which expand the narrative potential of the artist's practice. Conceived in partnership with Terje Øverås, both books make use of the symbolism of certain animals in order to subvert their embedded same value systems. The first tells the story of an owl, the symbol of wisdom, which lives in the Boijmans Museum and

violently devours several works of art from the museum's collection, criticising the insatiability and hyperproductivity of present-day society. The second describes the path followed by two equestrian statues, an emblem of military power, which come down from their pedestals and abandon their illustrious riders to follow their own course, questioning the glorification of authority figures in a period of increasing violence.

Today, viewed from Lagos and Portugal, the themes addressed by Priscila Fernandes in the works presented here raise a series of questions about our past and present, challenging us to imagine new futures. Embedded in the dialectics between work and leisure, we find a critical line of questioning about the colonial past and slavery, the precariousness and the predominance of productivity over free time, the leisure industry and, by extension, an economy based on tourism, where those who contribute to it rarely have the chance to enjoy what it offers. As for the future, the artist wonders:

Can we consider different ways of operating that are not based primarily on productivity? I feel there is something extremely empowering and liberating in imagining a future where activities such as play and leisure allow us to rethink labour in terms of affection and love. Perhaps I can get there, perhaps with a bit more of self-improvement and self-discipline.⁵

Joana Valsassina

*eva: "my darling, you are always thinking about work
I came here dressed to contemplate — to vegetate, as it were
by the light of this green candle"*

the owl lets itself fall to the ground with a soft thud
she thinks the vegetables are up to some mischief
the roses are about to grow thorns

Adam and Eve
Albrecht Dürer (in 1504)
Engraving, 24 x 19 cm
Accession number: DN 1274/225 (PK)

In darkness all cats are grey

An audio play by Priscila Fernandes

Every night hordes of people can be found walking, marching or wandering around the park. They seem to be stuck at the edge, continuously tracing the periphery, a permanent accentuation of the park's shape, forever highlighting the bushes and trees that surround it. Only treading the path separating the city from the park.

They are from all walks of life. And Augustus knows it. Every night he takes meticulous notes of these passers-by. He sets up his office at the north entrance, always impeccably dressed, in a suit and tie, neat and tidy. His hair styled literally with a fine tooth comb. He brings with him a table and a little stool, a folder of paperwork, a small pen and a rubber stamp.

44

Although he has often heard that it is inside the park that one finds happiness—true happiness—, Augustus has never felt like going in. He has been a civil servant all his life and he is more than comfortable with rigid bureaucratic routine. His pleasure is found right there, at the entrance of the park. August makes efficient inventories of the people who pass by. He never wastes time with distractions or gossip, but just rigorously records the names, ages and the ambitions of those who are looking for a way in. It is thanks to Augustus' thorough research that we receive accounts of the people who circle the park: real bodies, bodies that are whole, bodies in themselves, bodies that remain whole.

*

Jerome, an avid philosopher and etymologist, has been covering the circuit around the park for over four years. Every night he takes the same route without ever finding an entrance. But he doesn't lose heart. On the contrary, he only has to re-read the ancient texts and his hope is rejuvenated.

According to those writings, the sky hovers over no park as peaceful, cheerful and attractive as this one, in it there are no concerns, no effort, no work. Well, for Jerome, to live in such a place would not be a problem. In his eyes, laziness and refusal of productivity are fine qualities.

'In the beginning was *ócio* [idleness]', Jerome explains, 'from the Latin *otium*! Only after that does the word *negócio* [business] come into play, *nec otium*—*nec* being negative and indicating time with no leisure. In other words, we assume that *ócio* was time for leisure, but it was business that came to take the place of idleness. We only need to look at the Romans to understand it, they woke up when they wanted, lounging at the bath houses where they would stay until the end of the day, exercising their bodies, enjoying the saunas and stretching for hours at the poolside. This was where they discussed politics and business. Businessmen today would undoubtedly say that the Roman Empire was doomed to fail', Jerome tells us.

45

Well, the Empire did fail. Not to mention that idleness was only possible by exploiting others. Small details Jerome omits from his philosophy:

'Now, it is precisely because of that idleness', he continues, 'that the arts were cultivated! That science was discovered! That philosophy and the humanities were invented! So the poet said:

*Soft laziness sheltering us
from evil wanting and a thousand foolish things...
Because of you, how many evil deeds
did I not do.'*

*

But pleasurable laziness is hated by many. Doctor Clare spends entire nights on the outer edge of the park, disturbed by what she can and cannot see behind the bushes.

She thinks Jerome's ideas are very dangerous for the youth of today. She spies through the bushes, believing she can see orgies of bodies with ravenous sexual appetites, tremendous indifference, fatigue and boredom. A consequence of those lazy people not having work to do.

'If I manage to get into the park', she thinks aloud, 'I would prescribe a few things... anti-masturbation corsets for the boys; instructive books and films for the girls, no horse riding, unchaperoned walks or novels. And chastity belts, of course!'

*

It is thanks to Augustus' thorough research that we know of these people from all walks of life, who hope to enter the park. There are also those wandering around starving. And, as we know, hunger is the strongest fire. It is said:

46 'The fish in the park's lake are already roasted, boiled or fried, to suit your taste! Roasted pigs trot around with a knife in their backs, so whoever feels hungry can easily cut off a slice of bacon. And the chickens, scratching to and fro, are baked and drizzled with gravy. And they self-advertise: "Hot chicken! Hot—hot chicken!"'

Augustus has noticed that for some years now the number of individuals whining that the park only allows entrance to losers and tramps has grown into a deafening chorus. They complain that the park has only let in those who have completely abandoned their virtues and decency. They say the park is now so depraved that it even gives money to those who fart. Apparently, whoever burps three times and does get out a ginormous fart makes a fortune. Mary is one of the complainers, she says the park is no longer what it used to be, that now it is an utter wretchedness, a truly gross sight. For the park and its parasites there is no greater disgrace than an upright, honest, well behaved and hard-working person.

*

The entrance of the park is even quite easy to find, but for reasons unknown to us, few people can find it—it's one of those mysteries... And those who do begin to adopt a very strange behaviour. This happens especially at the southern entrance of the park, where there is always a large crowd, all glued to each other. They are whole bodies, bodies in themselves, bodies that remain whole. They march and march but get nowhere. With one exception: when the first cry of an owl is heard, the group moves a little further. One step every night. Other than that, they march and march but never leave the path surrounding the park. We don't know how to explain such phenomenon. In the clothes of those who march and march the remnants are visible, shoes with holes in them, jumpers made of rainwater... In their hands they carry torches.

*

*Knock knock!
Who's there?
Olive!
Olive who?
I love you!*

This is Cleo, there is not much to say, except that she is a nice girl. She dreams about entering the park, like all the others, for the most part. She knows the way does not have to be as hard as they say. The important thing is to remain positive, optimistic and the rest will follow. And if there can be a bit of fun along the way, then all the better! It always helps to pass the time. She knows that a park claiming to be so easy-going can't be so hard to get into. It's only logical.

On her way around the park she amuses herself by humming, admiring the view, and when in the mood, making jokes about the other entrance seekers.

Here are a few:

*Once upon the time of twats, I saw a one-legged man
run faster than a fast horse.*

*I then saw a wandering axe
cut a tree in two.*

*I then saw the fallen tree
get up again.*

*I then saw a plough plough
without a horse, without a cow.*

*I then heard the fish making so much noise
that it reached the sky.*

*I then saw two crows
reaping the wheat.*

*I then saw two mosquitoes
making a bridge.*

*I then saw a mouse
building a huge wall.*

*I then saw an evil horse get up
and speak disjointed truths.*

*I then saw two goats
turn on an oven.*

*I then heard a chicken speak:
It has been proclaimed:*

*A thunderous fart
has been proclaimed!*

*

A good scholar of these verses might conclude that each of these characters represents one of the many individuals circling the park. Especially the last verses, yes, those describing the fetid anal wind, because there is an idiot who wonders around every night, farting with every step he takes. It's Donald, a sly and opportunistic twat who claims to be the first man to have entered the park, even though he doesn't even know where the entrance is. He is smart to spread these

rumours, because it creates insecurity in those he meets. But Donald is also a little mad: can you believe the guy gets spellbound by the shards of glass he finds on the ground as he laps the boundary of the park? Perhaps it is the reflection of the moon, or just his stupidity, that fixes him to the spot, frozen, staring at the glass.

'With a bit of luck, well-polished', he thinks, 'they could even look like diamonds'.

Perhaps it is also the Moon that conjures up his visions of exotic treasure: rare birds flying through the park, naked women, spices and colourful silks, riches falling from the sky. He sees wondrous things and shouts:

'My dear, your lover has finally arrived!'

And, having said that, he tears off his clothes and runs naked like a fool, pissing like a dog at every tree and bush outside the park.

*

Francis comes from afar and has never had much luck. He wasn't taught to read and write, everything he knows about the park's riches he learned by word of mouth. Of course a tale always grows in the telling—Francis knows this well—experience is the best teacher. But the essence is still there. The park symbolises his freedom as well as the end of a life of work and slavery in the city. Francis walks around the park every night with the hope of being able to get in. But often his fatigue is so great that he falls asleep on the cold path delimiting the park. And every night the same nightmares loom over his hope.

'I constantly dream that to enter the park I have to knock down the trees that appear in my way. Then I take my axe and walk and walk and walk until I find a clearing closed off by several trees—one is so big, bigger than I've ever seen in my life.

I decide that this is precisely the one I should cut down. Even though the wood is very hard, I manage to cut it down. But the moment the tree falls down, it rises up again and the trunk sticks back to the stump. This always amazes me. And I keep trying. When I finally manage to cut the tree, the whole story starts again. The tree keeps repairing itself. At that point I start to get terrified, I panic and start to swing the axe into the tree like a maniac. Even when my arms burn with pain, my hands become covered in callouses and I'm dripping with sweat... no matter what I do every time the tree falls, it immediately rises up again. And, while this happens, I hear laughter in the distance. Every time I wake up from that dream, I feel very sad... Perhaps it's a premonition warning me of the uselessness of what I'm doing. In this moment the day breaks and I have to get back to the city', ends Francis.

*

Apparently, Joey never felt the urge or desire to go into the park himself. He was interested in living off those who wandered around it, it did not matter how. Ever since he was a child, Joey had no trouble devising wicked plans, whether involving theft, exploitation or lies. He saw these misdemeanours as acts of kindness since, according to him, everyone was sinning because of their everyday luxury goods—from the latest iPhone to their trendy branded clothes... and so on.

Joey was committed to freeing everyone from their capital sins, and considered his actions acts of mercy. In fact, he thought of himself as a saint. He lived of these gains with such piety and sobriety that he was saintly, all right!

Once he met Mary, who we already know, that pious woman dressed in black and veiled, as tradition dictates. Her chastity and virtuousness were such that the most glamorous item of her wardrobe was the little rosary she carried in her hands. Well then, Joey, who paid special attention to the subject of geology,

immediately realised the rosary this humble lady was carrying was made of little crystals: emerald, jacinth and diamond.

Joey, who considered himself a saint, thought right there and then that an ostentation such as this rosary did not suit such a humble lady. And so, to save her from her sin, he set to the mission of convincing her to donate the little rosary to his continuous charitable work. For he was a saint after all!

'My dear lady, how happy I am to see such a pious, humble person at the doors of this park. How happy I am to have your company. Because this work, this mission, entrusted to me by the apostle of Rome, in Rome, is very solitary and strenuous. Do listen, my friend, for I have been inside the park and God has given me the wisdom to tell you what exists behind these gates. Listen to my words for I will tell you about those who walk inside it and you will see how important our prayers and charitable work are.

I can tell you that at the centre of the park, next to the lake, there is a beautiful abbey full of tall, young, lively monks. But do not let yourself be fooled, my lady of great charity, for every single day the young monks, after eating and drinking at ease—for they do not see that as a sin—they take to the air, flying and playing like birds in the sky. Miraculously they can fly, and there is no bird as fast as these monks of noble spirit, thanks to the large flapping sleeves and cowl of their habits.

When the abbot sees them fly, he feels a great satisfaction! But, in the middle of those exercises, he calls them for vespers. When the monks do not come down but start to fly even higher, the abbot grabs a young girl, turns her white buttocks up and beats on them like a drum, a call for the monks to come back. When they get the message, they make a low flight towards the girl, pinching her buttocks. Only after these exercises do they enter the monastery, thirsty, and go straight to the refectory.

There is also another abbey nearby, but for nuns. God grant that you may never have to be disgraced by the presence of those people. When they are hot, the young nuns get a little boat and head towards the lake. They play with the oars and the rudder until they are far from the bank and undress. Then they drop into the water swimming and frolicking. In seeing this, the young monks become aroused. They get up, take flight and quickly arrive near them—forgive my language, m'lady—"to teach them a little prayer". With a lot of vigorous legs going up and down, and up and down, the monk with the greatest control of "his cowl" will, without a doubt, receive more "attention to his prayers".

My dear lady, my mission is to guard any entry through this gate so no one is defiled by such vices. Regarding those who are already on the other side, all we can do is ask God to renew the spirit of those sinners. Whatever donation you may leave with me, as long as given with honesty and charity, will be welcomed by me, a poor saint who was lucky enough to carry out such honourable penance.'

And in saying this, this thief and scoundrel, his eyebrows far too pious, stretches his arm to the little rosary.

'My holy man, I thank you for all your charity, for protecting me and warning me of the sin that's going on in there. May this rosary serve you for many prayers.'

To which Joey replies:

'Amen, in the name of the Holy Charity.'

*

As August tell us, those who try to enter the park are from all walks of life. From those who went in and came back to tell the tale, only these rhymes have survived:

Inside the park, tender smiles and glowing mouths rise from behind the bushes.

*Tender smiles and glowing mouths rise from behind the bushes.
Real smiles, whole smiles, smiles in themselves, smiles that remain whole.*

SERRALVES

Onde fica a Gozolândia? reúne um conjunto de obras de Priscila Fernandes (Coimbra, 1981) pertencentes à Coleção de Serralves e à Coleção da artista que revelam diferentes aproximações a um dos temas centrais na sua prática: a relação dialéctica entre trabalho e lazer. Concebida especificamente para o Centro Cultural de Lagos, a exposição integra obras concebidas durante a última década e promove uma reflexão em torno de problemáticas que se associam de forma lata ao contexto histórico e atual da cidade, da região e do país.

Where is Cuckoo Land? brings together a group of works by Priscila Fernandes (Coimbra, Portugal, 1981) belonging to the Serralves Collection and the artist's own collection, which reveal different approaches to one of the central themes in her practice: the dialectical relationship between work and leisure. Conceived specifically for the Lagos Cultural Centre, the exhibition presents works that were developed during the last decade and promotes a reflection about issues that are largely related with the current and historical context of the city, region and country.

www.serralves.pt



CENTRO CULTURAL DE LAGOS

Rua Lançarote de Freitas, n.º 7, 8600-586 Lagos

CONTACTOS CONTACTS

282 770 450 | centro.cultural@cm-lagos.pt | www.cm-lagos.pt

HORÁRIO SCHEDULE

Terça-feira a sábado Tuesday to Saturday: 10h00 — 18h00

Apoio Institucional
Institutional Support

